

O capital cultural de estudantes universitários determina sua competência informacional? Does the college students' cultural capital determine their information skills?

Justymara Fernanda dos Santos Serrano¹

fernandaserranoservicos@gmail.com

Bernadete de Lourdes Streisky Strang²

bernadete_strang@hotmail.com

Resumo

A herança cultural não é hereditária do ponto de vista genético, e sim um amálgama das referências que recebemos e experimentamos, a partir do qual geramos a nossa própria cultura. O estudo demonstrou em que medida o capital cultural herdado contribui para o sucesso na pesquisa científica, avaliando 102 usuários da Biblioteca da Universidade Norte do Paraná, unidade Piza, na cidade de Londrina (PR), utilizando o Google Forms. Os resultados apontaram que o capital cultural herdado não determina, mas influencia nas buscas para o desenvolvimento da pesquisa científica e contribui positivamente para o uso eficiente dos recursos informacionais. Mas não é fator determinante, uma vez que em condições e estímulos adequados, essa falta pode ser compensada.

Palavras-chave: Capital cultural, Competência informacional, Pesquisa acadêmica, Nível de escolaridade

Abstract

Cultural heritage is not inherited from the genetic point of view but it's rather an amalgam of the references we received and experienced, from which we generate our own culture. The study has demonstrated the extent of the inherited cultural capital contribution to the success in scientific research, from the evaluation of 102 members of the Northern Paraná University Library, Piza unit in the city of Londrina (PR), using Google Forms. The results showed that the cultural capital inherited does not determine, but influences in searches for the development of a scientific research and contributes positively to the efficient use of information resources. However, it is not a determining factor, since at appropriate conditions and stimuli, this lack can be compensated.

Keywords: Cultural Capital, Information skill, Academic research, Education

¹ Bacharel em biblioteconomia (UEL), mestre em metodologias para o ensino de linguagem e suas tecnologias .

² Doutora em ciências da educação (PUC-Rio), docente da Universidade Norte do Paraná, Modalidade Educação à Distância e do Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias - Unopar. Coordena o Projeto "HISTÓRIA, MEMÓRIA E MAGISTÉRIO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS NAS ESCOLAS DE PROFESSORES DE LONDRINA (1945-1970)", com apoio do CNPq. Participante do Grupo de Pesquisa da História Intelectual e Educação da Universidade Federal do Paraná.

Introdução

Este artigo é a síntese de uma dissertação de mestrado intitulada: *Capital cultural e sua influência na pesquisa científica dos usuários da biblioteca da Universidade Norte do Paraná*. O campo de pesquisa foi o Setor de Referência, disponível na biblioteca da unidade Piza, localizada na cidade de Londrina (PR). O estudo pretendeu verificar em que medida o capital cultural herdado, influencia o desenvolvimento da pesquisa científica. Para tal, foram aplicados 102 questionários (CERVO; BERVIAN, 2002), com 28 questões cada, aos usuários da biblioteca. Para a coleta dos dados, utilizou-se um instrumento desenvolvido através de formulário disponível pelo motor de busca Google, denominado *Google Forms*². Tendo em vista a necessidade de outros dados estatísticos que o referido aplicativo não possibilita, foi solicitado serviços de profissional da área.

A necessidade de informação varia de indivíduo para indivíduo, de acordo com seu propósito, com a especificidade da tarefa que está realizando, perfil profissional, grupo social, origem demográfica e também de capital cultural, capital econômico, capital social, entre outros. Desse modo, uma das atribuições do bibliotecário é a de buscar elevar o nível de competência informacional do usuário e do produto final resultante das informações que ele tenha obtido.

Bourdieu (2005) diz que o capital simbólico é constituído pelo prestígio que o indivíduo possui, enquanto o cultural se constrói através da somatória dos saberes, dos conhecimentos acumulados pelas suas experiências ao longo da vida e dos capitais que se recebe dos antepassados, o chamado capital cultural herdado.

A vivência social e a história pessoal do indivíduo permite constante renovação do capital social e do cultural, assim como possibilita que esse indivíduo agregue competências e habilidades no decorrer da sua trajetória. Isso fica evidente na escolha dos canais ou fontes informacionais, assim como

²*Google Forms* permite uma série de formas, para que as questões sejam inseridas. Assim, elas podem ser respondidas de modo subjetivo, objetivo, através de preenchimento de *checkbox* (caixa de seleção e ou verificação) entre outros.

na forma de processar, absorver e usar as informações encontradas (BOURDIEU, 1998).

O homem, em função de sua própria sobrevivência, constantemente aperfeiçoa suas práticas, seus conhecimentos e sua habilidade de obter informações. Para Castells (2011), as maneiras de se conseguir conhecimento sofreram mudanças consideráveis a partir das primeiras décadas do século XX. Esse fato produziu efeitos no comportamento humano, no que diz respeito à busca e ao uso da informação, e o reflexo dessas mudanças pode ser constatado cotidianamente nas bibliotecas.

As mudanças mais visíveis aconteceram no âmbito das bibliotecas de instituições de ensino superior e de pesquisas, isso porque esse espaço passou a contar com outras formas de acesso ao conhecimento. Seu acervo já não se compõe quase exclusivamente de material impresso, materializou-se em vários formatos e tipos de suportes, podendo ser encontrado tanto na forma impressa quanto na virtual.

O surgimento da Internet, juntamente com a necessidade de prover o usuário de informações atualizadas e de forma rápida, potencializou a mudança de posturas e de práticas na maioria das bibliotecas universitárias. Entre outras funções, essas bibliotecas têm a incumbência de auxiliar no desenvolvimento de pesquisas científicas.

Para a realização de uma boa pesquisa científica, pressupõe-se tanto competência informacional, quanto capital cultural do indivíduo, para que ele possa elaborar, de forma lógica, um roteiro ou plano de pesquisa. O desenvolvimento satisfatório depende, em larga medida, do uso eficiente dos instrumentos informacionais, como os existentes em bibliotecas, centros de documentação, entre outros.

Muitos acadêmicos embasam suas pesquisas em motores de busca como o Google, considerado atualmente o “oráculo” das indagações. Entretanto, em muitas ocasiões, a resposta advinda do motor não possui fidedignidade, uma vez que **“tudo pode entrar em relação com tudo: o *continuun* semiótico [...] o resultado de busca, ou a própria busca, pode aparecer sob várias linguagens, imagens, textos, músicas [...]”** (MONTEIRO, 2006, p. 35, grifo do autor); e ainda, essas informações podem não estar

devidamente contextualizadas, o que invalida sua confiabilidade.

Não se está desmerecendo a utilização desse recurso, ao contrário, esse é um instrumento que pode auxiliar uma rápida varredura inicial, visto contar com infinitas fontes. Contudo, o uso desses motores requer conhecimento para saber filtrar a informação e refinar a pesquisa. Um exemplo de refinamento é o uso de aspas, dois pontos, sinal de menos e também a utilização de ferramentas proporcionadas pela própria busca avançada disposta no Google. Cada uma delas possui uma finalidade e contribui para que a pesquisa seja mais rápida e eficiente. No entanto, o uso do Google ou qualquer outro motor de busca como Yahoo, Cadê, entre outros, não dispensa a necessidade de realizar pesquisas em bancos e bases de dados.

Na área acadêmica, a falta de conhecimento quanto a forma de se realizar uma busca bibliográfica em recursos *on-line*, como meio de subsidiar a pesquisa científica, é mais perceptível nos períodos nos quais o currículo exige a produção de trabalho de conclusão de curso, monografia, dissertação, tese ou a elaboração de artigo científico, pois a produção deve contemplar as exigências da banca examinadora ou da equipe editorial.

Tendo em vista tal realidade, o presente estudo teve como objetivos, verificar em que medida o capital cultural herdado, contribui para o sucesso ou o fracasso em relação à busca de informação em bancos e bases de dados virtuais. Pretendeu também identificar em quais as áreas do conhecimento se concentram usuários com maior índice de sucesso na pesquisa e seu correspondente capital cultural.

A relação entre capital cultural e o manejo adequado dos recursos informacionais

De acordo com Pierre Bourdieu (1989), o capital cultural e o capital econômico organizam o espaço social. Diz o autor, que cada classe tem suas características próprias, determinadas pela trajetória social dos indivíduos que dela fazem parte. Sem dúvidas, esses capitais são pré-requisitos para a definição de gostos e preferências, já que a predileção é um indício do que temos, do que somos e do que representamos para os nossos semelhantes. Os gestos, gostos, hábitos etc. são responsáveis pela nossa classificação

perante os outros e pela nossa avaliação dos outros. Assim sendo, “o Capital cultural torna-se, então, um meio de distinção à medida que quem tem maior capital cultural poderá conseguir legitimar sua cultura como melhor”. (MACEDO; SALES; RESENDE, 2014, p. 52).

O capital cultural é transmitido por herança, sendo acumulado através de investimentos e reproduzido de acordo com a forma que o indivíduo encontrou de investir e de se posicionar em relação a eles. Para Bourdieu (1979), o capital cultural de maior valor é mais frequente em famílias de classes mais altas, visto que elas estão mais bem aparelhadas por terem fácil acesso aos diversos ambientes culturais.

Ele se multiplica e se transforma em competências, que poderão favorecer o indivíduo a alcançar um nível de escolaridade mais elevado e a se tornar mais qualificado que outros na vida profissional. O capital cultural pode estar, portanto, intimamente relacionado aos diferentes aspectos de educação formal e não formal.

Nesse sentido, a herança cultural e o êxito escolar estão profundamente conectados, já que os resultados obtidos na trajetória escolar dizem muito sobre as propriedades culturais cultivadas dentro do contexto familiar. De acordo com Bourdieu (2008, p. 67), “as diferenças de capital cultural marcam as diferenças entre as classes”, ou seja, a questão cultural legitima a apropriação de bens como gosto, escolhas e necessidades. O capital cultural envolve habilidades, práticas, gostos refinados, conhecimentos gerados através do núcleo familiar, entre outros elementos, e pode ser representado de três formas distintas: capital incorporado, capital objetivado e capital institucionalizado.

O capital incorporado é referente ao capital cultural advindo da herança familiar, construído no seio da família de forma quase biológica, por acompanhar a evolução e o crescimento do indivíduo nesse ambiente. Ele exerce bastante influência no futuro escolar, justamente por estar ligado aos ensinamentos passados, aos gostos adquiridos e também às culturas. Não é um patrimônio adquirido rapidamente, mas sim aprendido no dia a dia, ou seja, “o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa” (BOURDIEU, 1998, p. 75).

O capital cultural objetivado está relacionado ao consumo, no qual o conhecimento é adquirido através do acesso à compra de bens. Um exemplo é a ida a museus, teatros, cinema, exposições de obras de arte, livros. Embora o capital cultural objetivado tenha relação estreita com o incorporado, mantém também uma íntima ligação com o capital econômico, visto ser necessário possuir recursos financeiros para ter acesso ao capital objetivado.

Por fim, o capital cultural institucionalizado se adquire através de títulos e diplomas e está ligado de certa maneira ao capital econômico, que facilita o acesso a esse tipo de capital cultural. De acordo com Bourdieu e Passeron (2013), a escolaridade dos pais tem relação direta com o nível cultural familiar. No caso das crianças de origem social privilegiada, observa-se que elas tendem a ter gostos comuns à família, além de hábitos de atividades ligadas à cultura, tais como frequentar teatro, dança, cinema, museus, viagens, entre outros.

Partindo da ideia de que, para Bourdieu (2007), o capital cultural se explica como um conjunto de bens e saberes dominantes, que pode existir sob três estados, incorporado, objetivado e institucionalizado, no capital cultural incorporado temos a soma das habilidades de falar, pensar, agir, vestir de cada indivíduo, sendo esses os atributos que alimentam o capital. No objetivado, temos a soma das posses de bens culturais materiais, tais como obras de arte, livros, viagens, e a apropriação material não está implicada necessariamente na apropriação simbólica, enquanto, no institucionalizado, o capital cultural se forma através de bens e saberes e se consolida sob a forma de títulos e diplomas.

O capital cultural é o que mais interfere no sistema escolar, especialmente porque ele é desigualmente distribuído entre as classes. O capital cultural prevalece sob duas formas: a primeira está relacionada às informações que cada classe possui sobre o sistema de ensino, instituição escolar e carreira profissional. A segunda diz respeito à transmissão de um *habitus*, que, por consequência, reflete as atitudes relacionadas à escola e ao saber. Entende-se então que

O rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família, e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social – também herdado – e que pode ser

colocado a seu serviço. (BOURDIEU, 2005, p. 74)

Quando a família se propõe a custear um colégio, cujo *status* social e intelectual facilita o ingresso dos seus alunos em instituições universitárias de maior gabarito, está na realidade buscando converter o capital econômico em capital cultural (MEDEIROS, 2007). Nesses casos, o investimento em educação dos membros da família (filhos, netos, entre outros) se torna fundamental, visto que esses necessitam de constante investimento no capital cultural, de modo a manter sua posição social.

É o caso de professores universitários ou profissionais, que atuam em áreas que disseminam comercialmente a cultura (jornalistas, colunistas, *marchand*,) ou então os que comercializam estilo de vida (*personal training*, profissionais que lidam com tendências de moda, beleza etc.).

Para Silva (1995), essa situação se integra a uma dinâmica social ligada à mudança nos patrimônios, o que possibilita a conversão de um tipo de capital para outro. Considera-se que o fato de não se possuir uma família com histórico de bom desempenho escolar, hábito de leitura e cultura, não impede que o indivíduo possa, ao longo de sua vida, mobilizar uma somatória que inclua no contexto o capital econômico, social, entre outros, e totalizar assim o seu próprio capital cultural.

A chave para o sucesso ou fracasso escolar, para Bourdieu (2007), encontra-se no patamar cultural do núcleo familiar. Para o autor, quanto mais elevada a origem social, mais rico e extenso serão seus domínios de cultura e de conhecimento. Assim, o êxito no percurso acadêmico em grande parte está relacionado ao capital cultural herdado de sua família. Na atividade diária junto ao Serviço de Referência da biblioteca, fica claro que essa teoria bourdiana faz muito sentido. Ao relacionarmos o capital cultural com o sucesso do aluno na utilização dos serviços ofertados pela biblioteca universitária, confirma-se que, de modo geral, os que mais utilizam os recursos informacionais são justamente aqueles provenientes de famílias cujo capital cultural e social é mais alto ou são orientados por professores, reconhecidamente portadores de elevado capital cultural e social na comunidade acadêmica. Assim, quanto maior o nível de capital cultural, maior a probabilidade de elevação do capital informacional. No entanto, é necessário considerar que as relações entre o ensino,

Revista Educação Online, n. 20, set-dez 2015, p. 146-171

aprendizagem e a mobilização adequada de capital cultural se dá sempre por intermédio de um mediador: Na escola, é o professor, e, nas bibliotecas, em especial, é o bibliotecário.

Bancos e bases de dados

O surgimento das bases de dados *on-line* se deu, graças ao desenvolvimento das tecnologias, aliado a percepção da possibilidade e das vantagens de se comercializar a informação. Os Estados Unidos, juntamente com a Europa, foram os pioneiros na criação de sistemas automatizados de organização, armazenagem e recuperação da informação. No entanto, o surgimento tecnológico das bases de dados aumentou as oportunidades de se comercializá-la (CIANCIONI, 1987).

O conceito de banco de dados e bases de dados muitas vezes não é claro e frequentemente confunde-se bases de dados como sendo um sinônimo para banco de dados, o que efetivamente não é. Esse desconhecimento, já observado por Ciancioni (1987), faz-se presente em nosso ofício, cotidianamente.

As bases de dados reúnem, de forma organizada, um conjunto de informações que, de uma maneira ou outra, estão inter-relacionadas. Informam dados bibliográficos essenciais para a recuperação da informação, como autoria, ano de publicação, editora, instituição ou título do periódico, números de páginas entre outros. Permitem também que se realize a combinação de uma gama maior de termos de busca com lógica booleana, uma tarefa impossível quando se realizava a busca em índices impressos, o que economiza o tempo do usuário e do bibliotecário, haja vista que o trabalho antes realizado manualmente, hoje é executado de forma mais eficaz e rápida com ajuda da informática (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2003).

Quanto à disponibilidade, há bases de dados que disponibilizam o documento através de acesso regulamentado por assinatura. Outras oferecem o texto integral gratuitamente, desde que se tenha cadastro prévio. Há ainda aquelas que disponibilizam seu conteúdo sem nenhuma restrição.

Em relação à área de abrangência, existem as que atendem a uma determinada área do conhecimento e as multidisciplinares, que agregam várias

fontes informacionais das mais variadas áreas. A exemplo de bases específicas, tem-se a DESASTRES, organizada pelo Centro de Documentação de Desastres, do Programa de Preparativos para Situações de Emergência e Coordenação de Socorro para Casos de Desastres da Organização Pan-Americana da Saúde. Tal base disponibiliza literatura não convencional (informes técnicos, planos de emergência, artigos científicos de revistas especializadas entre outras).

Na área de ensino, temos a Eric (Educational Resources Information Center), que é patrocinada pelo Departamento de Educação dos EUA e tida como a mais eficiente fonte de informação especializada no campo da educação e áreas correlatas e oferta artigos, relatórios, mídias audiovisuais, livros etc.

A Universidade Estadual de Campinas desenvolveu, através da Biblioteca Professor Joel Martins, da Faculdade de Educação da Unicamp, a Edubase, uma base de dados que reúne desde referências bibliográficas de artigos de periódicos nacionais até capítulos de livros e outros documentos relacionados à educação.

No que tange às bases de dados interdisciplinares, existe a Peri, desenvolvida pela Biblioteca Profa. Etelvina Lima, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Essa base disponibiliza artigos de periódicos, trabalhos publicados em anais de eventos técnico-científicos nas áreas de biblioteconomia, ciência da informação, arquivística e outras áreas interdisciplinares.

Os bancos de dados, por seu turno, reúnem as bases de dados e a literatura indexada por elas. Ao utilizar um banco de dados, é possível, já na primeira investigação, conhecer publicações científicas sobre um determinado assunto, em várias outras bases de dados. O documento pode ou não estar disponível para *download*, mas a base de dados fornece as indicações de onde encontrá-lo. Um exemplo simples, usado em treinamentos para uso de recursos *on-line* como forma de ajudar na compreensão de banco e base de dados, é utilizar a universidade e seus cursos para ilustrar as diferenças entre uma coisa e outra. A universidade, por sua natureza, é a instituição central, ou seja, o banco de dados. Já os cursos que ela oferece, por fazerem parte da

universidade e por serem diferentes entre si, são as bases de dados. Conforme esquema abaixo:

Figura 1 – Exemplificação de banco / base de dados



Fonte: Das autoras.

As palavras-chave são os recursos que promovem maior eficácia na pesquisa. Isso porque elas indicam ao leitor, de forma sintetizada, sobre qual assunto o texto discorre; elas são “mediadoras entre a informação registrada e de quem dela necessita” (TONELLO; LUNARDELLI; ALMEIDA JUNIOR, 2012, p. 21).

Ao utilizar palavras-chave, não se deve fazer uso daquelas que compõem o título e/ou resumo, mas de preferência sinônimos, para que sejam potencializadas as possibilidades de se encontrar o documento. Outro ponto a ser observado é a distinção entre palavras-chave e descritores. As palavras-chave são retiradas do texto original do documento, livre de qualquer operação documentária, enquanto os descritores passam por critérios rígidos que envolvem leitura técnica, análise conceitual, entre outras (LANCASTER, 2004).

O Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, cujo nome original é Biblioteca Regional de Medicina, sendo mais conhecido como Bireme, conta com o DeCS (Descritores em Ciências da

Saúde), um vocabulário estruturado e trilingue (português, inglês e espanhol), que auxilia na recuperação de dados científicos.

O DeCS foi desenvolvido a partir do MeSH - Medical Subject Headings da U. S. National Library of Medicine (NLM), como meio de possibilitar que o pesquisador tenha uma padronização da terminologia para a pesquisa, unificando, dessa forma, a recuperação do conhecimento científico.

As informações dispostas no DeCs são organizadas por meio de estrutura hierárquica, dividindo o conhecimento em classes e subclasses decimais, respeitando as ligações conceituais e semânticas. Os termos são apresentados através de estrutura híbrida de pré e pós-coordenação, permitindo que se utilize na pesquisa termos mais amplos ou bem específicos e, ainda, com os termos ou todos pertencentes ao mesmo grupo de estrutura hierárquica (DECS, 2015).

Por fim, a área de educação brasileira conta com o Thesaurus Brasileiro da Educação (Teshaurus Brased) para facilitar a pesquisa. Seus termos são estruturados a partir de uma matriz conceitual, idealizada e ordenada através de relações lógico-ontológicas, de hierarquia, equivalência e associações, de modo a possibilitar a relações entre termos e melhor compreensão da área educacional (INSTITUTO..., 2015).

Resultados e discussão

Os dados foram apresentados em frequência absoluta e relativa³, e, para verificar a associação entre os dados⁴, foi empregado o teste de Qui-quadrado⁵ e o teste de exato de Fisher⁶, quando cabível. Em toda a análise, foi considerado um nível de significância de $p < 0,05$. Para a análise dos dados, foi utilizado o pacote estatístico SPSS.

³ Contagem de participantes. Quando absoluta, é o número de participantes (n), quando relativa, trata-se da porcentagem relacionada a algo.

⁴ Classificação de teste estatístico que indica quando duas variáveis categorizadas possuem frequências absolutas com comportamentos semelhantes ao que era esperado para que tivessem. Para tanto, utiliza-se o teste Qui Quadrado.

⁵ Teste de associação entre duas variáveis categóricas, compara a estimativa de frequência de sujeitos, esperada devido ao tamanho amostral pela observada no estudo (a equação é frequência esperada - observada ao quadrado / esperada).

⁶ Ajuste ou correção do teste de qui-quadrado, utilizado quando a estimativa da frequência esperada apresenta mais que 20% das caselas com valor inferior a 5.

Perfil dos entrevistados

O universo de estudo foi constituído por 102 usuários, atendidos no Setor de Referência da Biblioteca da Universidade Norte do Paraná, unidade Piza, a fim de realizar pesquisa científica, entre os meses de outubro e dezembro do ano de 2014, conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição dos entrevistados, segundo gênero, faixa etária e formação.

Variáveis	Número	%
Gênero		
Feminino	66	64,70%
Masculino	36	35,30%
Faixa Etária		
Até 20 anos	12	11,76%
21 - 30 anos	51	50%
31 - 40 anos	22	21,56%
41-50 anos	13	12,74%
Maior que 50 anos	4	3,92%
Formação		
Graduação	58	56,86%
Especialização	7	6,86%
Mestrado	26	25,49%
Doutorado	8	7,84%
Pós-Doutorado	3	2,95%
Total	102	100%

Fonte: Das autoras.

Ao visualizar os dados contidos na tabela 1, percebe-se que o gênero prevalente foi o feminino com 66 (64,70%), o que corrobora as observações de Guedes (2008) quanto ao crescente ingresso feminino em universidades brasileiras, que não deixa de ser um marco histórico e social, consolidando uma nova realidade, na qual as mulheres são maioria, aproximadamente 60%, dos graduados entre a faixa etária mais jovem.

Na faixa etária de pessoas de 21 a 30 anos, a prevalência foi de 51 (50%) e as com 31 a 40 anos, com 22 (21,56%).

Já em relação à formação, os dados indicam que 58 entrevistados (56,86%) apontaram estar na graduação, 26 respondentes (25,49%), Mestrado, 8 participantes (7,84%), Doutorado e 3, (2,95%) Pós-Doutorado.

Há também que se ressaltar que, no contingente de universitários, entre os anos de 1970 a 2001, a entrada do gênero feminino em cursos tidos tradicionalmente como masculinos foi significativa (GUEDES, 2008).

Em relação à renda familiar, houve predominância na categoria de 3-6 salários com 38 (37,25%) dos respondentes.

Foi percebido o mesmo percentual em duas outras categorias, sendo elas a de 1-3 salários e >9 salários, no total de 25 respondentes (24,51%) em ambas, enquanto a renda familiar de 6-9 salários ficou com 14 indivíduos (13,73%).

No que tange à área de conhecimento dos respondentes, constatou-se que 65 (63,72%) eram da área de saúde, enquanto 17 entrevistados (16,68%) de biológicas.

Na área de exatas, houve 10 participantes (9,80%). Na área de ciências sociais, foram 9 respondentes (8,82%), havendo também 1 (0,98%) dado ausente, conforme demonstrado na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos entrevistados, em relação à renda familiar e área do conhecimento

Variáveis	Número	%
Renda Familiar		
1-3 salários	25	24,51%
3-6 salários	38	37,25%
6-9 salários	14	13,73%
> 9 salários	25	24,51%
Área do conhecimento		
Biológicas	17	16,68%
Exatas	10	9,80%
Saúde	65	63,72%
Ciências Sociais	9	8,82%
Dado ausente	1	0,98%
Total	102	100%

Fonte: Das autoras.

Os resultados se assemelham ao estudo realizado por Ristoff (2013), cujos dados do questionário socioeconômico aplicados ao Enade, entre os anos de 2004 e 2009, apontaram um valor de 11% de estudantes vindos de famílias de baixa renda, com renda de até três salários mínimos. Esse aumento diminui a distância entre o *campus* e a sociedade, entretanto, ainda persiste
 Revista Educação Online, n. 20, set-dez 2015, p. 146-171

uma concentração de renda nas universidades brasileiras quanto à natureza socioeconômica.

Ao buscarem identificar as dificuldades dos estudantes de graduação em encontrar informações para elaboração de seus trabalhos de conclusão de curso, em especial, daqueles que desconhecem o papel e funcionamento da biblioteca, serviços e produtos, Silva e Gomes (2009) observaram que a frequência do uso de biblioteca é limitada. Assim, o processo de compreensão do potencial informativo da biblioteca deve ser iniciado enquanto o indivíduo frequenta as bibliotecas escolares, para que, posteriormente, ele compreenda os produtos ofertados em outros tipos de biblioteca. Desse modo, o estudante levará a experiência de pesquisa para toda sua vida escolar e acadêmica, tendo em vista que muito do seu sucesso profissional depende de sua autonomia na busca e uso de informações (SILVA; GOMES, 2009).

Formação dos respondentes e de seus pais

Nessa etapa, foi realizado o cruzamento de informações no que se refere à área de formação dos pais e dos respondentes. Os resultados nos levaram a divisão de quatro grandes áreas do conhecimento, sendo elas: ciências biológicas, ciências exatas, ciências da saúde e ciências sociais.

Constatou-se que 16 entrevistados eram da área de ciências biológicas, sendo que os pais de 14 deles não possuíam curso superior. Dos dois restantes, um pai um era formado na área de ciências sociais, e o outro, na área de ciências exatas.

Em relação à mãe, constatou-se que 13 mães não possuíam nível superior. Das três mães restantes, duas tinham formação na área de ciências da saúde e uma na área de ciências exatas.

Quanto aos 10 entrevistados da área de ciências exatas, sete pais não possuíam formação universitária. Dos três restantes, dois pais eram formados na área de ciências sociais e um na de ciências Exatas.

Quanto às mães, verificou-se que oito delas não possuem formação superior, e duas são da área de ciências humanas (licenciatura ou pedagogia).

No tocante aos 65 respondentes da área de ciências da saúde, os dados mostraram que 52 pais não possuem ensino superior, enquanto sete são

formados na área de ciências sociais, cinco na de ciências exatas e um na de saúde.

Em relação às mães, 47 delas não possuem graduação, enquanto 10 são formadas na área de humanas (licenciatura ou pedagogia) e quatro na de saúde. E ainda, as áreas de ciências sociais e ciências exatas tiveram cada qual uma representante.

Por fim, dos nove respondentes da área de ciências sociais, seis pais não possuem nível superior, enquanto dois se formaram na área de ciências exatas e um na de ciências sociais.

Quanto ao grau de estudo das mães dos nove respondentes, oito mães não são graduadas e uma tem formação na área de ciências humanas (licenciatura ou pedagogia).

Os dados informados estão dispostos na tabela a seguir

Tabela 5 – Distribuição dos entrevistados, em relação a sua área de formação e de seus pais

SUPERIOR		Área								
		Biológicas		Exatas		Saúde		Sociais		
		n	%	N	%	n	%	n	%	
Pai	Não possui	14	13,9%	7	6,9%	52	51,5%	6	5,9%	0,654
	Exatas	1	1,0%	1	1,0%	5	5,0%	2	2,0%	
	Saúde	0	0,0%	0	0,0%	1	1,0%	0	0,0%	
	Sociais	2	2,0%	2	2,0%	7	6,9%	1	1,0%	
Mãe	Não possui	13	12,9%	8	7,9%	47	46,5%	8	7,9%	0,791
	Exatas	1	1,0%	0	0,0%	2	2,0%	0	0,0%	
	Saúde	3	3,0%	0	0,0%	4	4,0%	0	0,0%	
	Sociais	0	0,0%	0	0,0%	2	2,0%	0	0,0%	
	Ensino	0	0,0%	2	2,0%	10	9,9%	1	1,0%	

Fonte: Das autoras.

No estudo de Ristoff (2013), as mães levaram uma pequena vantagem, quanto à educação escolar de nível médio e a de nível superior, assim como os resultados deste estudo.

Os dados aqui apresentados mostraram que as mães concentram a formação em nível superior, na área de ciências humanas, em especial, em (licenciatura ou pedagogia), e a alta concentração se encontra nas mães cujos filhos optam pela área de saúde.

Os indicadores socioeconômicos no estudo de Ristoff (2013) revelaram que, dentre os estudantes de medicina, a maioria, ou seja, 67%, possuem pai

com instrução superior, 70% vêm de família de renda elevada, representando a faixa entre 10 salários mínimos mensais, chegando até a mais de 30 salários mínimos.

Essa realidade também foi percebida no cruzamento dos dados obtidos no presente estudo, uma vez que a porcentagem de pais com curso superior foi mais elevada em alunos da área de saúde.

Infere-se então que o capital cultural herdado potencializa a inserção do indivíduo na educação superior. Quando o capital escolar dos pais está num patamar mais alto, os descendentes são favorecidos, pois, quanto maior o conhecimento e formação educacional, maior a herança cultural e, com certeza, maiores são as chances de o indivíduo buscar nível mais alto de escolaridade. Outra hipótese é a de que o capital cultural herdado pode exercer influência na utilização dos recursos informacionais da biblioteca para finalidade de pesquisa.

Formação dos pais dos respondentes e renda familiar

Nesse item, promoveu-se o cruzamento de dados de formação dos pais dos respondentes e renda familiar e se constatou que, na faixa cuja renda familiar é de um a três salários, 23 das 25 mães não possuem curso superior. Uma tem formação na área de ciências da saúde e a outra na área de ciências humanas (licenciatura ou pedagogia).

Dos pais, verificou-se que 20 não possuem ensino superior. Três formaram-se na área de ciências sociais e dois na de ciências exatas, conforme aponta a tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição dos entrevistados, em relação a área de formação de seus pais e renda familiar

		Renda Família								
		1-3		3-6		6-8		>9		
		Salários		Salários		Salários		Salários		
		n	%	n	%	n	%	n	%	
Superior Mãe	Não possui	23	22,5%	27	26,5%	10	9,8%	17	16,7%	0,791
	Exatas	0	0,0%	2	2,0%	0	0,0%	1	1,0%	
	Saúde	1	1,0%	3	2,9%	2	2,0%	1	1,0%	
	Sociais	0	0,0%	1	1,0%	0	0,0%	1	1,0%	
	Ensino	1	1,0%	5	4,9%	2	2,0%	5	4,9%	
Superior pai	Não possui	20	19,6%	31	30,4%	12	11,8%	17	16,7%	0,035
	Exatas	2	2,0%	3	2,9%	0	0,0%	4	3,9%	
	Saúde	0	0,0%	1	1,0%	0	0,0%	0	0,0%	

Sociais 3 2,9% 3 2,9% 2 2,0% 4 3,9%

Fonte: Das autoras.

Na faixa entre três e seis salários, a tabela demonstra que, das 38 mães que representam os respondentes, 27 não possuem curso superior. Cinco tem formação na área de ciências humanas (licenciatura ou pedagogia), três na área de ciências da saúde, duas na de ciências exatas e uma na de ciências sociais.

Constatou-se ainda que 31 pais não têm formação superior. Três se formaram na área de ciências exatas, três na de ciências sociais e um na área de saúde.

A leitura da tabela 6 informa que, na faixa de renda familiar, entre seis e oito salários, houve 14 respondentes. Desse total, 10 mães não possuem curso superior. Duas possuem na área de ciências da saúde e duas na de ciências humanas (licenciatura ou pedagogia).

Em relação aos pais, 12 não têm formação superior, e dois são formados na área de ciências sociais.

A faixa de renda familiar acima de nove salários contou com 25 respondentes e mostra, segundo os dados, que 17 mães não possuem curso superior. Cinco são da área de ciências humanas (licenciatura ou pedagogia), e nas áreas de ciências da saúde, ciências exatas e ciências sociais há uma mãe em cada.

Quanto aos pais, 17 deles não são graduados. Quatro são formados na área de ciências sociais e quatro na área de exatas. Percebeu-se então que, com relação à faixa de renda familiar de 3-6 salários e >9 salários, houve o mesmo índice percentual no tocante às mães que possuem curso superior na área de ensino, ambos com cinco cada, o que equivale a 4,9% da população de respondentes.

O estudo de Ristoff (2014), cuja principal fonte foi o questionário socioeconômico do Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade), demonstra que houve alteração do perfil socioeconômico do estudante universitário do *campus* brasileiro. Há no questionário socioeconômico aplicado por Ristoff (2014), uma correlação explícita entre renda familiar, escolaridade dos pais, origem escolar, entre outras. O autor, ao comparar os dados

referentes aos três ciclos do Enade, concluiu que diferente de tempos pretéritos, possuir pais com escolaridade superior já não é mais um requisito indispensável para o ingresso à universidade.

Tal evidência é generalizada, independentemente do curso escolhido ou do número maior ou menor de candidatos em relação à competitividade de vagas. Entretanto, essa situação se encontra, com maior frequência, em filhos de pais cuja escolaridade não chega ao nível superior, o que, para Ristoff (2014), é um indicador de que as classes historicamente excluídas do *campus* brasileiro têm hoje oportunidades de acesso.

Em estudo de Bourdieu (2002), cujo título é *Esboço de uma teoria da prática*: precedido de três estudos de etnologia Cabila, o autor afirma que o ser humano, ao longo da vida, aprende a amar socialmente as coisas e ações que sejam possíveis ou prováveis, devido a sua própria condição social. E exclui de suas aspirações os feitos e utopias que para ele se tornam impossível ou então improváveis. A herança familiar, nesse sentido, é determinante na trajetória do indivíduo, assim como a herança cultural familiar. Parece que os destinos do indivíduo, em especial o destino profissional, o social e o escolar, têm sua influência estreitada pelas relações e também pelas posições ocupadas pelo seu grupo familiar.

Para fins de organização dos dados desta pesquisa, levou-se em consideração o seguinte cruzamento: renda familiar, formação escolar e se essa formação aconteceu em instituição pública ou privada. Assim, dividiu-se a tabela de acordo com as etapas do ensino: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Em relação à educação infantil, na faixa de renda familiar de um a três salários, verificou-se que 22 respondentes realizaram formação em instituição pública, duas em instituições privadas e um no público/privado.

Nos que possuem renda familiar de três a seis salários, constatou-se que 28 entrevistados a realizaram em instituição pública, seis em instituições privadas e um disse não saber.

Na categoria de seis a oito salários, oito estudaram em instituições privadas e seis em instituições públicas. E ainda, dos respondentes cuja renda familiar ultrapassa nove salários, em relação a educação infantil, constatou-se

que 14 deles estudaram em instituições privadas, oito em públicas e três não souberam informar.

No ensino fundamental, quanto à renda familiar, foi percebido que, na faixa de um a três salários, 22 respondentes o realizaram em instituições públicas, dois no público/privado e um no privado.

Dos respondentes cuja renda mensal familiar se encontra entre três e seis salários, 31 deles estudaram em instituições públicas, cinco em privadas e dois na pública e privada.

Em relação aos entrevistados cuja faixa de renda familiar se encontra entre seis e oito salários, verificou-se que oito o realizaram em instituições públicas. Houve cinco respondentes que estudaram em instituições privadas e um no público/privado.

Entre aqueles que a renda familiar é maior que nove salários, verificou-se que 12 indivíduos realizaram o ensino fundamental em instituições privadas, 10 em instituição pública e três na pública/privada.

No tocante ao ensino médio, dos que se encontram na faixa de renda familiar de um a três salários, 23 respondentes afirmaram ter realizado essa etapa escolar em instituições públicas e dois em instituições pública e privada.

Os respondentes cuja faixa mensal familiar é de três a seis salários informaram que grande parte, ou seja, 31 deles, realizou o ensino médio em instituições públicas, quatro em instituições privadas e três em pública e privada.

No grupo com renda familiar de seis a oito salários, nota-se que sete realizaram o ensino médio em instituições privadas, cinco em instituições públicas e dois no público/privado.

Já dos respondentes cuja renda familiar é maior que 9 salários, 15 deles cursaram o Ensino Médio em instituições privadas, 9 em instituições públicas e um no público privado, conforme se observa na tabela abaixo:

Tabela 8 – Distribuição dos entrevistados, em relação à renda familiar e seu processo educacional

		Renda Família								P
		1-3		3-6		6-8		>9		
		n	%	n	%	n	%	n	%	
Educação Infantil	Privada	2	2,0%	6	5,9%	8	7,8%	14	13,7%	<0,001
	Pública	22	21,6%	28	27,5%	6	5,9%	8	7,8%	
	Publica-Privada	1	1,0%	3	2,9%	0	0,0%	0	0,0%	
	Não sabe	0	0,0%	1	1,0%	0	0,0%	3	2,9%	
Ensino Fundamental	Privada	1	1,0%	5	4,9%	5	4,9%	12	11,8%	0,001
	Pública	22	21,6%	31	30,4%	8	7,8%	10	9,8%	
	Publica-Privada	2	2,0%	2	2,0%	1	1,0%	3	2,9%	
Ensino médio	Privada	0	0,0%	4	3,9%	7	6,9%	15	14,7%	<0,001
	Pública	23	22,5%	31	30,4%	5	4,9%	9	8,8%	
	Publica-Privada	2	2,0%	3	2,9%	2	2,0%	1	1,0%	

Fonte: Das autoras.

De acordo com Brandão, Canedo e Xavier (2012), a constituição do *habitus* escolar é um aspecto importante a ser analisado em relação à trajetória escolar desde a frequência da educação infantil, caracterizada pelos autores como elemento diferenciador no desempenho dos estudantes.

A permanência do indivíduo em uma mesma escola durante todo o período do ensino fundamental tende a ser uma referência na constituição do *habitus*, uma vez que indica todo o trabalho realizado pelo ambiente escolar, em prol da construção do perfil do aluno, de acordo com aquilo que a instituição deseja, conforme salientam Brandão, Canedo e Xavier (2012).

Quanto mais o aluno permanece no ambiente escolar, maior seu tempo em relação às rotinas, valores e regras, o que favorece o aprendizado e a aquisição de hábitos, tanto de estudo como também de posturas, contribuindo, desse modo, para um maior desempenho escolar (BRANDÃO; CANEDO; XAVIER, 2012).

Os autores consideram que a precoce socialização do indivíduo fora do seio familiar e seu ingresso na educação infantil, independentemente se foi cursada em uma só escola ou em diferentes escolas, facilitam a constituição desse *habitus*.

Certamente, há variações no desempenho geral do sistema educacional

entre as regiões brasileiras, tanto no setor público quanto no privado. A região sul aparece como a que possui melhor sistema educacional e menor diferença entre a rede pública e privada (FRANÇA; GONÇALVES, 2010). Já a região nordeste possui menor nível de desempenho escolar e maior diferença entre as duas redes de ensino.

Em relação ao ensino médio,

[...] no geral, a maioria dos estudos mostra resultados positivos e significantes sobre a aprendizagem dos estudantes de ensino médio se esses estudassem em escolas católicas, sobretudo para aqueles que apresentam uma menor probabilidade a frequentar tais escolas. (FRANÇA; GONÇALVES, 2010, p. 375)

Nessa mesma linha de raciocínio, Vargas (2009) diz que a escolha do estabelecimento escolar no ensino médio pode ampliar as possibilidades de ingresso em instituições de ensino superior. Os estudos de Vargas (2009) em relação ao efeito do desempenho dos alunos no vestibular do nosso país, tanto em escolas públicas como nas privadas, demonstram que não se deve apenas considerar o peso de variáveis como a condição socioeconômica, mas também se deve levar em conta a importância desses estabelecimentos quanto ao desempenho escolar desses estudantes, embora não se possa negar que a origem e classe social sejam de grande relevância.

Estatísticas demonstram que, entre 2002 a 2012, o número de alunos matriculados no ensino superior duplicou, passando de 3,5 para 7 milhões, distribuídos entre os 31.866 cursos oferecidos no Brasil, através das 2.416 instituições, sendo 304 públicas e 2.112 privadas.

O nível percentual quanto à opção aponta que 67,1% optaram por bacharelado, 19,5% licenciatura e 13,5% cursos tecnológicos; deste montante 5.140.312 (73%) se encontram em universidades privadas e 1.897.413 (27%), em universidades públicas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTÁGIOS, 2015).

Em relação à distribuição desses universitários por regiões, observe-se quadro abaixo:

Quadro 1 – Distribuição do total universitários brasileiros de acordo com a região e estado

Região	Estados	Total de universitários
Norte	Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.	546.503
Sul	Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	1.163.671
Sudeste	Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.	3.226.248
Nordeste	Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.	1.434.825
Centro-Oeste	Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal.	666.441

Fonte: Associação Brasileira de Estágios (2015).

Em termos percentuais, a região sul se destaca das outras regiões, perdendo apenas para a região sudeste, na qual se encontra o estado de São Paulo, cuja capital é a maior metrópole do país.

Considerações finais

A biblioteca é uma instituição essencial para o desenvolvimento do intelecto humano. Dentro de suas atribuições, além de disponibilizar o saber através do seu acervo, cabe-lhe também desenvolver habilidades diversas em seus usuários, tais como o gosto pela leitura, pela pesquisa, pelo conhecimento. Boa parte dos acadêmicos chega à universidade com déficit na habilidade de pesquisa, permitindo a inferência que durante sua formação, nos estágios escolares anteriores a graduação, a grande maioria dos alunos não é estimulada à pesquisa e conhece pouco os recursos informacionais oferecidos pelas bibliotecas.

Parte-se do pressuposto que a leitura influencia o comportamento e a aprendizagem do indivíduo, o que o leva a buscar, a ampliar conhecimentos ou atualizar os anteriormente adquiridos. O indivíduo dito “competente informacional” está apto para encontrar informação e tem habilidades para geri-la e transformá-la em conhecimento. Ele possui familiaridade com redes informacionais, compreende as estruturas de comunicação e a utiliza com

desenvoltura.

Observou-se, ao longo dos anos, nesse *métier*, que, para empreender uma pesquisa científica com eficiência, o aluno precisa ter alguma competência informacional e certo capital cultural, que envolva habilidades, práticas, conceitos e conhecimentos diversos. Os dados obtidos no estudo, aqui ligeiramente apresentado, mostram que os acadêmicos que mais utilizam os recursos informacionais nesse universo de pesquisa, ou provém de famílias com considerável capital cultural e bom nível socioeconômico, ou são orientados por docentes com currículo e *status* acadêmico relevante. Isso nos faz deduzir que, quanto maior o nível de capital cultural, maior a probabilidade de elevação do capital informacional.

Em posse dos dados, fica claro que o capital cultural herdado influencia o modo como são utilizados os serviços oferecidos pela biblioteca universitária, em especial, o serviço de buscas informacionais para o desenvolvimento de pesquisa científica. A herança cultural não é hereditária do ponto de vista genético, mas o é, com certeza, quanto ao reflexo dos quadros de referências que recebemos e que experimentamos, a partir do qual, criamos a nossa própria cultura.

Existe também outro fator de grande importância para a otimização do uso de recursos informacionais da biblioteca: o professor. Em muitos casos, o docente é o modelo e a inspiração do aluno, que, mesmo não tendo herdado capital cultural da família, com o estímulo e disponibilização de conhecimentos necessários, consegue reverter o déficit cultural e construir os seus próprios capitais. Por fim, volta-se à questão que esta pesquisa: o Capital Cultural dos estudantes universitários determina sua competência informacional? Não determina. Pode favorecer, mas não determinar! Não restam dúvidas de que a herança cultural contribui positivamente para o uso eficiente dos recursos informacionais. No entanto, não é fator determinante, uma vez que, em condições e estímulos adequados, essa falta pode ser compensada.

Referências bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTÁGIOS. *Estatísticas*. Disponível em: <<http://www.abres.org.br/v01/stats/>>. Acesso em: 9 jan. 2015.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo; Porto Alegre: EDUSP; Zouk, 2008.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia cabila*. Oieras: Celta, 2002.
- _____. *Escritos de educação*. São Paulo: Vozes, 2005.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *La distinction*. Paris: Les Éditions e Minuit, 1979.
- _____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-80.
- _____.; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRANDÃO, Z.; CANEDO, M. L.; XAVIER, A. Construção solidária do *habitus* escolar: resultados de uma investigação nos setores público e privado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 49, p.193-243, abr 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782012000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 jan. 2015.
- CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 5ªed. São Paulo: Makron Books, 2002.
- CIANCIONI, R. Banco de dados de acesso público. *Ciência da Informação*, v. 16, n. 1, p. 53-59, jan./ jun. 1987.
- DECS: *Descritores em Ciências da Saúde*. Disponível em: <<http://decs.bvs.br/P/decsweb2014.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2015.
- FRANÇA, M. T. A.; GONÇALVES, F. de O. Provisão pública e provada de educação fundamental: diferenças de qualidade medidas por meio de propensity score. *Economia Aplicada*, v. 14, n. 4, p. 373-390, out-dez 2010.
- GUEDES, M. de C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Thesaurus Brasileiro da Educação*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pesquisa-thesaurus>>. Acesso em: 13 out. 2015.
- LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet

de Lemos, 2004.

MACEDO, S. B.; SALES, A. P.; RESENDE, D. C. O perfil da nova classe média e a influência do capital cultural. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 8, n. 4, p. 48-64, out-dez 2014.

MEDEIROS, V. G. *Clima escolar: um estudo sociológico de uma instituição pública de excelência*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

MONTEIRO, S. O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas. *Ciência da Informação*, v. 35, n. 1, p. 31-38, jan-abr 2006.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. *Avaliação*, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v19n3/10.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2015.

_____. Perfil socioeconômico do estudante de graduação: uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009). *Cadernos do GEA*, n. 4, p. 2-23, jul-dez 2013.

SILVA, G. O. do V. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, v. 1, n. 2, p. 24-36, jul-dez 1995.

SILVA, L. V.; GOMES, H. F. Competências em informação dos estudantes de graduação para a elaboração dos trabalhos acadêmicos: a contribuição das bibliotecas universitárias da UFBA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB, 10, 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/111/Trabalho_LuciaVera_Henriette_X_Enancib.pdf?sequence=1>. Acesso em: 9 jan; 2015.

TONELLO, I. M. S.; LUNARDELLI, R. S. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Palavras-chave: possibilidades de mediação da informação. *Ponto de Acesso*, v. 6, n. 2, p. 21-34, ago 2012.

VARGAS, M. de L. F. Estudos sobre o funcionamento do sistema de ensino: da reprodução das desigualdades sociais ao efeito escola. *Cadernos de Educação*, v. 32, p. 105-122, jan-abr 2009.